

A Síntese Necessária, por Gonçalo Curado

John Lewis Gaddis, *The Cold War: A New History*,
Penguin Press, 2005, 352 pp., ISBN 1594200629

A interpretação histórica da Guerra Fria nasceu com a historiografia, hoje apelidada de “ortodoxa”, composta pelos tomos clássicos de William Appleman Williams¹ e John Spanier², unânimes na alocação da génese do conflito bipolar à vontade internacionalista e totalitária soviética. Nas décadas de 60 e 70, fruto da politização radicalizante da Academia, vozes como Thomas McCormick³ introduziram uma interpretação “revisionista” do mesmo período, agora considerado como produto de uma vocação Ocidental para a monopolização dos mercados globais. Pelo contrário, John Lewis Gaddis, unanimemente considerado como “o deão dos historiadores da Guerra Fria”, optou por uma apreciação “pós-revisionista”. As suas três longas décadas de carreira repletas de marcos basilares como *The United States and the Origins of the Cold War* (1972) ou *We Now Know: Rethinking Cold War History* (1997), servem de testemunho de uma incursão exaustiva e minuciosa de reavaliação da Guerra Fria segundo parâmetros originais.

A obra agora em estudo, *The Cold War: A New History*, não é porém produto de investigação laboriosa ou da recente desclassificação de arquivos. A sua origem é bem

1 Williams, William Appleman, *The Tragedy of American Diplomacy*, New York, Norton & Company, 1988.

2 Spanier, John, *American Foreign Policy Since World War II*, New York, CQ Press, 2003.

3 McCormick, Thomas J., *America's Half Century*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1989.

mais modesta, crescendo a partir do convite do seu editor a ocupar um “nicho de mercado” e da necessidade de um compêndio sucinto. Não tanto orientada para investigadores, esta é uma obra de resposta às novas gerações de alunos que Gaddis recebe na sua cátedra de Yale, para quem a “Guerra Fria está tão distante quanto a Guerra do Peloponeso”.

Gaddis optou por iniciar a sua obra com o vaticínio Cassandriano de George Orwell em 1984, enquanto testemunho temerário de um *worst case scenario* totalitário. Porém, ainda que a pena de Orwell tenha corrido na Escócia, a narrativa de Gaddis opta por se centrar absolutamente em Washington, acompanhando as várias opções estratégicas de contenção da ameaça soviética como o “longo telegrama” de Keenan, a NSC-68, o “New Look” de Dulles/Eisenhower e a *détente* de Nixon/Kissinger, assim ressoando a sua anterior obra *Strategies of Containment* (1982). A todas o autor adstrita a evidência de uma estratégia americana de contenção desprovida de um objetivo expresso de vitória. Com o único embate real entre as duas potências reduzido ao combate aéreo secreto na Guerra da Coreia, e apesar de inúmeros focos de tensão como a Crise dos Mísseis de Cuba e as repercussões do exercício militar da NATO Abel-Archer em 1983, Gaddis enfatiza a acção psicológica das armas nucleares enquanto instrumento de refreacção de impulsos bélicos.

Entre as duas potências emergentes após 1945, Gaddis coloca parâmetros de segurança, mundividência e sociabilidade. Independentemente da disparidade ideológica, segundo o autor, o factor fulcral entre as duas potências reside na urgência da presença americana no Sistema Internacional e nas demandas estratégicas de Estaline por um grande *buffer* de segurança na Europa Central, longe de qualquer aspiração marxista a uma vaga internacionalista. Porém, enquanto que os Estados Unidos pautaram a sua construção de alianças no pós Guerra Fria e a sua presença militar no Velho Continente segundo os princípios políticos e de civilidade de uma Democracia Liberal, a União Soviética terá imposto o Pacto de Varsóvia à sua zona de influência, permitido a violação contínua de mulheres alemãs entre 1945-46 e Mao optou pela demência genocida do Grande Salto em Frente (1958-62) que resultou em 30 milhões de mortos.

Se o relato da primeira década da Guerra Fria é exaustivo, a apreciação de Gaddis das décadas de 60 e 70 não deixa de soar algo apressado. Os elogios à Doutrina Truman, à clarividência de Keenan e à opção de Eisenhower pelo não recurso às armas nucleares, cedo dão lugar a uma feroz crítica do autor à gestão de Nixon e Kissinger da política externa americana, descrita como “um período de anestesia moral” e mar-

cada pelo envolvimento desnecessário num teatro estratégico secundário como o Vietname.

O tom elogioso só regressará com a importância concedida por Gaddis à acção decisiva de actores circunstanciais para o fim da Guerra Fria. Entre estes “sabotadores do *status quo*” encontramos Gorbachev, Thatcher, Reagan, o Papa João Paulo II e Walesa. Toda a centralidade do argumento é, porém, concedida a Ronald Reagan, que Gaddis coloca ao lado dos grandes estrategas americanos do século XX como Keenan, Nitze, Dulles ou Rustow. Recuperando o optimismo de Roosevelt num binário económico/militar que a URSS não poderia comportar, cumpriu a Reagan a exploração de uma relação pessoal com Gorbachev para um desfecho favorável do conflito. Ainda assim, John Lewis Gaddis recorda que o papel decisivo na implosão soviética não se adstrita a actores solitários, mas à acção das populações da Europa Central na suplantação do jugo autocrático, o que é absolutamente relevante dada a proximidade do historiador face às opções estratégicas da presente Administração Bush e aos esforço desta na propagação de arquétipos democráticos.

Enquanto exercício de História popular esta é uma obra, obrigatoriamente, sucinta. O autor é absolutamente omissivo em relação, por exemplo, aos efeitos da Guerra Fria no Terceiro Mundo, sendo para isso aconselhada uma leitura mais detalhada da obra de Richard Crockatt⁴. Da mesma forma, interrogações sobre o papel europeu na Guerra Fria deverão recorrer à obra de William Hitchcock⁵, enquanto que a análise monográfica de períodos cronológicos específicos terá de passar pela bibliografia de Raymond Garthoff⁶ e outros. Na realidade, esta obra está longe de aspirar a ser a *cornerstone* de uma carreira académica, dado procurar responder à crescente disparidade cronológica entre o grande público e a Guerra Fria.

4 Crockatt, Richard, *The Fifty Years War*, London, Routledge, 1995.

5 Hitchcock, William L., *The Struggle for Europe*, London, Anchor, 2004.

6 Por exemplo: Garthoff, Raymond, *Détente and Confrontation*, Washington D.C., Brookings Institution, 1994.